

À descoberta de Viana – as raízes perdidas

Autor(a): Lélia Pereira da Silva Nunes | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Patrimônio Material e Imaterial

Subtema: Crônica

Referência geográfica do conteúdo: Viana - ES, Brasil

Data de publicação: 17/03/2009

Referência da Primeira Publicação:

Crônicas, In: journal Portuguese Times, New Bedford, RI(USA), edição de 25/10/2006

Línguas disponíveis: Português

Clique nas imagens para ampliar



Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, 1815, o mais importante monumento histórico do Estado do Espírito Santo

RESUMO

Crônica sobre o conhecimento ou a "descoberta" de uma comunidade de açorianos, em sua maioria originários da Ilha de São Miguel, perdida no interior do Estado do Espírito Santo, na cidade de Viana, desde 1812. Surpreendeu a todos os participantes do I Encontro Cultural Açoriano realizado em outubro de 2006, na cidade do Rio de Janeiro, o emocionado relato sobre a história de imigrantes açorianos que a 23 de novembro de 1812 chegaram ao Porto de Vitória, provenientes das Ilhas de São Miguel, Terceira e Faial, com destino ao Sertão de Santo Agostinho, inaugurando o ciclo da imigração europeia no Espírito Santo

CONTEÚDO

À descoberta de Viana - as raízes perdidas

Nada mais simpático e tentador do que um convite para ir ao Rio de Janeiro em tempo de Primavera. Brindam-nos dias luminosos, sinfonia de sons e tons por avenidas e jardins floridos em profusão e no ar aquele aroma de fruto, de sensualidade brejeira desaguando em desejos sem fim, em saudade de outras primaveras e lugares, irrigando a imaginação.

Foi com estes pensamentos "dobadoiros" que aceitei, toda sorridente, o convite da Casa dos Açores do Rio de Janeiro para participar do I Encontro Cultural Açoriano, realizado de 12 a 15 de outubro próximo passado.

Na chegada ao aeroporto Santos Dumont o abraço de boas vindas dos jovens Débora e João Leonardo, pertencentes ao Grupo Folclórico Padre Tomás Borba, um entusiasmado grupo de jovens que arregaçaram as mangas e junto com Raimundo Diniz Borges, membros da diretoria e um distinto rol de voluntários que fizeram o Encontro acontecer, deixou fluir gostoso afetos indelévels fazendo presentir o que se desenharia nos próximos dias. No entanto, não estava preparada para o que eu encontraria no Rio de Janeiro açoriano durante aquele final de semana prolongado pelo feriado de 12 de outubro - dia da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida.

O I Encontro Cultural Açoriano teve por palco a bonita e imponente sede da Casa dos Açores. É mesmo uma beleza! Salas amplas, biblioteca, espaço para o convívio social e esportivo, e janelas abertas para Avenida Melo Teles do tradicional bairro da Tijuca. Um verdadeiro clube de açorianos. Muitos micalenses, muitíssimos terceirenses (uma colônia do Raminho, da Serreta, de Aqualva, das Quatro Ribeiras, Ribeirinha...) e também representantes de outras ilhas. Tudo foi extremamente bem organizado e com fartura de carinho.

No ambiente do encontro, as falas se sucediam ora fortes, emotivas, ora suaves e didáticas, revelando vivências, manifestações culturais, pensamentos, de sabedorias, de artes e de histórias passadas no Brasil e outras da vida insular, numa compreensão do sentido de pertencer a um território que tem o mar por limite, que é referência de sua identidade ou de seus pais, avós e toda uma rede de antepassados guardados na arca de suas memórias de família. Sim, olhares tecidos no cotidiano com fios que vêm de dentro, entrelaçando sentimentos mútuos de açorianidade.

Mas o melhor deste Encontro Cultural estava por vir - o conhecimento ou a "descoberta" de uma comunidade de açorianos, em sua maioria originários da Ilha de São Miguel, perdida no interior do Estado do Espírito Santo desde 1812. Surpreendeu a todos os participantes do evento o emocionado relato sobre a história de imigrantes açorianos que a 23 de novembro de 1812 chegaram ao Porto de Vitória, provenientes das Ilhas de São Miguel, Terceira e Faial, com destino ao Sertão de Santo Agostinho, inaugurando o ciclo da imigração europeia no Espírito Santo.

Uma região que no século XVII foi ocupada por portugueses em busca de ouro e captura de índios, por jesuítas, pelo negro escravo e que era habitada pelos ferozes índios "botocudos," da tribo dos Aimorés. Fazendas de cana-de-açúcar, engenhos, morros rasgados à cata de minérios este foi o cenário em que os 53 casais de colonos foram assentados em pleno sertão capixaba. Fundaram a 15 de fevereiro de 1813 a povoação de Viana, cujo nome é uma homenagem ao Intendente Paulo Fernandes Viana responsável pela organização da colônia numa área de 32 léguas, estendendo-se até a fronteira com o Estado de Minas Gerais.

Nos documentos a que tive acesso e na explanação apresentada pela jovem Secretária de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do município de Viana, não encontrei referências sobre as dificuldades enfrentadas ou dissabores por promessas não cumpridas por parte do Reino. É sabido que para cada um dos "casais de colonos" o governo concedeu sesmarias, cerca de 112 braças de frente por 500 de fundo, ferramentas, junta de bois, carros de bois ou cavalgadas para a lida no campo e ainda uma significativa "mesada" nos dois primeiros anos do assentamento. Isto tudo está muito bem registrado em Títulos de Sesmarias. A propósito, a municipalidade guarda na Casa da Cultura peças de mobiliário, porcelanas, utensílios, acervo fotográfico e a documentação de todas as concessões de terras distribuídas aos 53 casais açorianos ou a seus herdeiros, confirmadas por quatro Decretos Régios de 17/1/1814, 10/7/1818, 11/7/1818 e 13/11/1818.

Entre montanhas e vales serpenteados pelo Rio Jacu e seus afluentes desabrochou o encantador município, localizado no sudeste brasileiro, distante 22 km da capital Vitória e próxima da cidade do Rio de Janeiro. Com 60% de sua área de 311 km² situada na zona rural, destaca-se na produção agropastoril e, no turismo rural, e tem na indústria, no comércio e principalmente nos serviços os pilares da sua economia.

Aí vive uma população de 60 537 habitantes que, passados cento e noventa e quatro anos, ainda retém na memória coletiva e vivíssima a herança cultural açoriana revelada nos seus costumes cotidianos, no jeito de trabalhar a terra, nas tecnologias tradicionais dos engenhos, na arquitetura, na renda de bilro, nas danças, no imaginário e na religiosidade. Um patrimônio cultural retratado por traços sobreviventes de uma longuinha matriz açoriana, perdida no tempo e perpetuada em suas vivências e convivências ao longo das gerações. Um patrimônio edificado representado por igrejas monumentos, capelas, estação ferroviária, casarão suntuoso como o Casarão da família Lyrio (ou seria Lira?), uma relíquia da arquitetura colonial. Paredes, pedras, telhados, janelas, varandas, alpendres, portais, traçado urbano, caminhos, todos a sussurrar histórias, lendas e saudades de um passado que não está perdido e muito menos esquecido.

Para além, em Viana, é a Festa do Divino Espírito Santo, uma das mais expressivas manifestações de fé em espaços onde floresceu a herança portuguesa, a grande referência da contribuição açoriana - o elemento basilar na formação da identidade cultural do município - a maior festividade religiosa da região. A primeira Festa foi realizada em 7 de julho de 1817 logo após a construção da igreja de Nossa Senhora da Conceição, iniciada em 1815 por colonos ilhéus. O templo em estilo barroco é o mais importante monumento histórico do Espírito Santo e o principal símbolo histórico e cultural da cidade. O culto em louvor ao Espírito Santo e a Igreja Matriz são os testemunhos da saga desse povo e de suas andanças pelo sertão capixaba. Uma tradição onde não faltam as figuras do Imperador, da Imperatriz, as insignias da Coroa, do Cetra, da Bandeira do Divino e a Pomba Branca - simbolizando o Divino Paráclito, e presente em todas as referências e alfaías da festividade. Uma tradição que desde 1817 se repete a cada ano, promovida pelo povo que reverencia as suas raízes plantadas em distantes geografias e replantadas em terras abençoadas pelo Espírito Santo. Uma cidade que traz e alberga vivência por



Patrimônio Histórico, Araçatiba, Viana



Casarão da Família Lyrio (ou seria Lira?)



Estação de Ferro- Museu



Grupo de Danças Açoreanas, de Viana, 2006



Grupo Folclórico de Danças Açorianas, Viana, 2007. Nova Formatação. Organizado pela Casa dos Açores do Rio de Janeiro com apoio da Profa. Dra. Judite E. Toste

geografias e repantadas em terras afeiçoadas pelo Espírito Santo. Uma cidade que traz o olhar vincado nos caminhos vivos da memória coletiva de seu povo.

Na ciranda dos dias e dos anos, os tambores, o telégrafo, o carteiro não levaram e nem trouxeram abraços, não mataram saudade, não aqueceram afetos. O carrossel das comunicações deu lugar à Internet que eliminou a distância e em tempo real deu a conhecer Viana. Ou melhor, os vianenses, via Internet, descobriram a Casa dos Açores do Rio de Janeiro. Muitos e-mails pra lá, outros tantos pra cá e se aproximaram. Não tímidos. Determinados em recuperar o tempo, a dar-se a conhecer e serem reconhecidos. Vieram ao Rio para o Encontro Cultural da sua gente e se apresentaram: "Nós somos de Viana, somos açorianos como vocês e estamos logo ali, ao lado de Vitória, a capital do Espírito Santo".

Foi pura emoção!!! Saber que longe do mar, no sertão capixaba, em Viana os açorianos ali fixados realizaram uma das mais bem sucedidas experiências no cultivo do trigo e do linho no Brasil. Saber que em Viana existe um "Grupo de Danças Açoreanas" onde jovens bailam a chamarrita e o pezinho. Um lugar que cultua com orgulho as tradições açorianas e louva o Espírito Santo sem nunca ter tido qualquer contato com os Açores.

Não sabem explicar, por exemplo, por que razão é hasteada a bandeira dos Açores ao lado da bandeira do Brasil e a do Município. Também não sabem como a bandeira açoriana foi parar lá ou quem a levou. Deduzi por minha conta e risco que deve ser uma bandeira recente levada por uma administração anterior, haja em vista que a bandeira dos Açores é da época da criação da Região Autónoma em 1976. A menos, que seja uma "bandeira de autonomia" que surgiu na campanha autonomista do final do século passado.

Muitas perguntas e com certeza muitas respostas a serem dadas. Para já a decisão da jovem administração de Viana de ir atrás dessa raiz esquecida no tempo e no espaço, mas guardada bem forte no seu coração. Nas mãos um acervo documental precioso de nomes e retratos de famílias exibidos como um caleidoscópio de imagens de uma Viana de ontem e de agora. São os orgulhosos descendentes dos 53 casais açorianos que tudo deixaram para trás na aventura de um novo amanhã e deram muito de si na construção dessa grande Nação verde e amarela.

Na noite de quinta-feira, 12 de outubro, a Casa dos Açores do Rio de Janeiro viveu um momento memorável, pois, dali para frente, o diálogo aberto falaria de vivências, de sobrevivências e de realidades, embalado pela proximidade acarinhada e possível.

Cada indivíduo, homem ou mulher, presente naquela sessão tinha a sua história de imigrante pra contar: a trajetória de chegada e permanência, de lutas e conquistas, de desejos e saudade sufocados em compridos dias de trabalho, no aconchego da nova terra, na partilha da alegria, da lágrima e dos sonhos. Alguns eram recém chegados. Outros distanciados pela dobra do tempo há mais de dois séculos.

Todos herdeiros de um mesmo legado cultural, filhos de um mesmo território de alma - a açoriana.

De uma maneira particular aquela noite carioca teve um sabor especial de reencontro...

À descoberta de Viana e suas raízes perdidas.



Mapa Político do Estado do Espírito Santo, Brasil



Mapa Político do município de Viana, ES, Brasil

REFERÊNCIAS

Anotações pessoais sobre o I Encontro Cultural Açoriano realizado na Casa dos Açores do Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: Prefeitura Municipal de Viana
www.viana.es.gov.br

NOTAS

.Colonos Açorianos chegados em Viana em 1813 com Sesmarias:

João de Andrade Gertrudes Rosa João de Lima
Inácio Ferreira Velho José Fernandes João Coelho
Antônio Jacinto Francisco Martins Maria Inácia
Manoel de Almeida Maria Joaquina Beatriz Maria
Jacinto de Souza João Gonçalves Luiza Joaquina
Francisco Coelho Borges João da Costa Maria de Jesus
Antônio José do Evangelho Luz Barbosa Antônio Cordeiro
Luiza Aurélia José Luiz Manoel Tristão
Manoel Rabelo Manoel Cabral Boaventura José
Manoel Vieira Manoel de Medeiros Inácio Cardoso
Antônio Pereira da Maia Maria Francisca Rosa Luiza
Manoel Pereira Pimentel José Joaquim Antônio Machado
Francisco Pereira Pimentel Francisco Coelho Mateus do Couto
Bibiana de Jesus Antônio José Isidoro da Ponte
Inácia Luiza da Conceição Caetano Furtado Teodora Luiza
Francisco Xavier das Chagas Joaquim José Pinto João da Silva
Manoel Joaquim Leonardo José Francisco de Medeiros

Indique este artigo para um amigo

Entre em contato com o autor deste artigo

Comunicar a Direção do Portal um erro ou denunciar conteúdo impróprio